

ANÍSIO TEIXEIRA E O COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO PÚBLICA E O ACESSO DAS CLASSES POPULARES AO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO E À CULTURA.

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini ¹

RESUMO

Este artigo resulta de pesquisa sobre a atuação e legado de Anísio Teixeira, sobretudo no período em que ocupou a direção do INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, de 1952, até a sua destituição do cargo, em 1964, pela ditadura civil-militar, que suprimiu as liberdades democráticas e perseguiu e prendeu educadores e artistas. Debruçamo-nos sobre a criação e implementação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, sobretudo do CRPE de São Paulo. Valemo-nos da pesquisa documental realizada no acervo do Centro de Memória da FEUSP, de textos, documentos, palestras e cartas redigidos por Anísio e da produção bibliográfica sobre o CBPE e os Centros Regionais, com especial atenção ao conceito de participação democrática e de cultura, que cotejamos com as formulações de Raymond Williams, que não cindia cultura popular e cultura erudita, defendendo cidadania plena e educação humana para todos, cabendo ao intelectual socialista investir no trabalho intelectual e educacional na luta contra os processos de hegemonia cultural da sociedade capitalista. Cercando-se dos intelectuais mais brilhantes em atuação no período, Anísio se dedicou à defesa da educação pública e da obrigação do Estado de oferecer escola a todos, rechaçando “a veleidade de procurar manter o *status-quo* da educação, somente para a classe média e superior, ministrada pela iniciativa privada”. Preocupou-se com “a pobreza generalizada das classes populares”, com a atenção à nossa diversidade, alargando o olhar sobre a questão educacional, institucionalizando a sociologia da educação, articulando educadores, historiadores, antropólogos e cientistas sociais, visando democratizar o acesso das classes populares à educação sistematizada, às variadas dimensões da cultura humana e à participação social, promovendo pesquisa regional, de comunidade, em prol de uma sociedade educada, democrática e participativa, como defendia Williams.

Palavras-chave: Anísio Teixeira, Escola pública, Educação para todos, Cultura Popular, Democracia.

INTRODUÇÃO

Este artigo, fruto de pesquisa empreendida no pós-doutorado realizado na Faculdade de Educação da USP, investigou a atuação e legado de Anísio Teixeira, sobretudo no período em que assumiu a direção do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, de 1952 até a sua destituição do cargo, em 1964, após o golpe que instituiu a ditadura civil-militar em nosso país, período

¹ Professora Associado IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF, angmlini@gmail.com



marcado pela supressão das liberdades democráticas, censura, perseguição e prisão de educadores e artistas, em especial daqueles que se dedicavam a denunciar e combater a avassaladora desigualdade social que sempre caracterizou o Brasil, buscando construir outro projeto societário, igualitário e incluyente.

A nossa atenção se voltou à criação e implementação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, CBPE, em 1955, e dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, sobretudo do CRPE de São Paulo, iniciativa de Anísio.

Recorremos à pesquisa documental e bibliográfica sobre o CBPE e os Centros Regionais, em especial do CRPE-SP, presentes no acervo do Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP, e aos textos de Anísio Teixeira, com foco nos conceitos de educação, participação democrática e cultura, cotejados com as ideias de Raymond Williams, intelectual socialista galês, que se dedicou à educação e cultura popular, defendendo cidadania e educação humana para todos, investimento público na educação e cultura e a importância de uma universidade voltada à emancipação da classe trabalhadora, que tomamos como referencial teórico-metodológico.

Com consistente trajetória no campo da educação, como atestam os documentos do acervo do CME da FEUSP, Anísio já havia assumido outros cargos públicos, em Salvador e no Distrito Federal, sempre buscando adequar a educação brasileira ao desenvolvimento nacional em perspectiva democrática, que propiciasse educação e cultura para todos, como responsabilidade do Estado, possibilitando acesso a uma vida digna à população de nosso país. Com sensibilidade ímpar em relação às condições de vida da classe trabalhadora, Anísio se preocupou em lutar por uma escola pública, laica e democrática, pensando a educação em uma perspectiva de país, concebendo a função do intelectual como promotor do enfrentamento das iniquidades do capitalismo.

Obrigatória, gratuita e universal, a educação só poderia ser ministrada pelo Estado. Impossível deixá-la confiada a particulares, pois estes só poderiam oferecê-la aos que tivessem posses (ou a “protegidos”) e daí operar antes para perpetuar as desigualdades sociais, que para removê-las (TEIXEIRA, 2023, p.83).

O autor defendia a escola comum como um direito do povo, sobretudo das classes trabalhadoras, para libertá-las de um trabalho servil, defendendo também os sindicatos e o direito de organização dos trabalhadores. Anísio, educador progressista, não era socialista, como Williams, mas defendia a educação de muitos, de todos e não de poucos privilegiados, combatendo o nosso sistema arcaico de educação, consciente dos problemas inerentes ao sistema capitalista.



A sobrevivência do capitalismo, em grande parte do mundo, não se explica senão por estes dois recursos ou instrumentos de defesa contra a desigualdade excessiva que o capitalismo provocaria e provoca, sempre que faltem ao povo escola pública e sindicato livre (idem, ibidem)

Com posições arrojadas, Anísio concebia a educação em sintonia com as Ciências Humanas e Sociais, articulada à arte e à cultura e seu legado nos inspira a entender que outra educação é possível e nos dá elementos para refletir sobre a educação pública e inclusão social na atualidade, que contemple a nossa diversidade. Este brilhante educador dava especial atenção ao conceito de participação democrática e de cultura, que cotejamos com as formulações de Raymond Williams, que não cindia cultura popular e cultura erudita, afirmando que “cultura é algo comum”, cabendo ao intelectual socialista investir no trabalho intelectual e educacional na luta contra os processos de hegemonia cultural da sociedade capitalista. Cercando-se dos intelectuais mais brilhantes em atuação no período, Anísio se dedicou à defesa da educação pública estatal para todos, rechaçando “a veleidade de procurar manter o *status-quo* da educação, somente para a classe média e superior, ministrada pela iniciativa privada”. Havia também criado, no final da década de 1950, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, no bairro periférico da Liberdade, em Salvador, escola em tempo integral e com formação integral voltada às classes populares: nas escolas-classes, para crianças de 7 a 13 anos, com metodologias renovadas, eram trabalhados conteúdos de caráter acadêmico e nas escolas-parque, as práticas educativas, artes industriais, atividades socializantes, educação física, atividades artísticas e atividades culturais, frequência à biblioteca, além de atendimento médico, odontológico e psicológico. Preocupou-se com “a pobreza generalizada das classes populares”, com a atenção à nossa diversidade, alargando o olhar sobre a questão educacional, institucionalizando a sociologia da educação, articulando educadores, historiadores, antropólogos e cientistas sociais, visando democratizar o acesso das classes populares à educação sistematizada, às variadas dimensões da cultura humana e à participação social, promovendo pesquisa regional, de comunidade, em prol de uma sociedade educada, democrática e participativa, como defendia Williams.

METODOLOGIA

Recorremos à pesquisa documental consultando o acervo do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação das USP, que abriga significativo conjunto de fontes primárias sobre o CRPE de São Paulo, e também do CBPE, com documentos de todo o período em que os Centros funcionaram, com pastas sobre as várias divisões que



o compunham, tais como a Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério, do Serviço Administrativo, do Serviço de Documentação, do Serviço de Publicações, de Recursos Audio Visuais, de Estatística, de Relações Públicas, da Revista Pesquisa e Planejamento, da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais e Sociais, além de Boletins Informativos. Ainda foi possível consultar, neste rico acervo, documentos redigidos por Anísio, transcrição de suas conferências proferidas em diferentes eventos e momentos, e textos escritos pelos vários intelectuais que atuaram nos Centros. Dentro dos limites deste artigo, selecionamos alguns documentos dos Centros, artigos e livros de e sobre Anísio Teixeira e textos de Raymond Williams, que nos permitiram evidenciar pontos de contato entre as formulações de Anísio e do pensador galês, em seus compromissos com as classes populares e o papel do intelectual socialista.

TRAJETÓRIA DE ANÍSIO TEIXEIRA

Anísio foi essencialmente um educador. Quero dizer, um pensador e gestor das formas institucionais de transmissão da cultura, com plena capacidade de avaliar a extraordinária importância da educação escolar para integrar o Brasil na civilização letrada. Para ele, a escola pública de ensino comum é a maior das criações humanas e também a máquina com que se conta para produzir democracia. É, ainda, o mais significativo instrumento de justiça social para corrigir as desigualdades provenientes da posição e da riqueza.

Darcy Ribeiro

Consideramos a pertinência de resgatar a importante trajetória de Anísio no campo educacional, para compreender o percurso que conduz à criação do CBPE e dos Centros Regionais, em sua fecunda atuação na direção do INEP.

Em 1924, com apenas 24 anos, Anísio foi nomeado Inspetor Geral de Ensino no Estado da Bahia, chamado pelo professor Anselmo da Fonseca, então da Congregação do Ginásio da Bahia, de “verdoso” diretor de instrução do Estado, já que, segundo o próprio Anísio, este era o único título que possuía na ocasião (Teixeira, 1967, p.1). Teve formação católica, tradicional. Em finais da década de 1920 viajou para a Europa e para os EUA, passando pelo Teachers College de Columbia, onde teve contato com a obra de Dewey, que o levou a reinterpretar a realidade e rever os valores da formação católica (NUNES, 2001). Tornou-se o primeiro tradutor de Dewey no Brasil. O apreço pela democracia, a ampliação de suas leituras, o olhar para a pobreza, iriam levá-lo ao amadurecimento de novas ideias e conduzi-lo à defesa da escola pública.

Anísio fez parte do grupo de educadores pertencentes à chamada Escola Nova, composta por intelectuais que além de formados nos cursos superiores tradicionais,



circulavam por seminários, livrarias, editoras e se destacaram por “secularizar a cultura. Um ponto importante dessa secularização para a qual trabalharam incansavelmente foi operar a passagem da escola enquanto extensão do campo familiar, privado e religioso para o espaço público da cidade” (NUNES, 1998, p.2). Eles buscavam a transformação dos costumes urbanos, no uso do espaço e do tempo e na convivência social.

As ideias escolanovistas chegaram ao Brasil, na década de 1920 e iriam ganhar força na década de 1930, quando o debate sobre educação alcançou dimensão nacional. Um marco na história da educação brasileira foi o **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, em defesa da educação pública, gratuita, laica, democrática e da co-educação, mesmas oportunidades educacionais para ambos os sexos, afirmando a função social da escola. Defendiam a elaboração de um Plano Nacional de Educação, a autonomia da universidade, a realização de concurso público de provas e títulos para contratação de professores, dentre outras ideias. Anísio foi signatário do manifesto e um de seus membros mais progressistas. Cabe destacar, no entanto, que este grupo era bastante heterogêneo, com inúmeras diferenças entre os seus componentes, apontadas por Fernando Azevedo, redator do Manifesto, em texto citado por Romanelli (1995, p.129-130), em que afirma que neste período “conturbado, mas renovador e fecundo, há a marca da “fragmentação do pensamento pedagógico”, em uma pluralidade de doutrinas “que mal se encobriam sob a denominação genérica de *Educação Nova* ou de *Escola Nova*, susceptível de acepções muito diversas”.

Anísio se destacava pelas posições mais arrojadas e democráticas. Na década de 1930 ocupou cargo no Distrito Federal, o Rio de Janeiro, então capital da República, e defendia ardorosamente o sistema de ensino municipal que havia criado, que ia da escola primária à universidade. Nesse período já se antevia o fechamento do regime e Anísio era perseguido, acusado de criar uma “obra anárquica” e atentar contra os bons costumes. Mas, na gestão de Anísio, segundo Nunes (2001, p.8),

A escola primária, a escola técnica secundária e o ensino de adultos se expandiram e melhoraram a sua qualidade. A escola técnica foi um interessante ponto de discórdia, não apenas porque reuniu, pela primeira vez no país, num curso secundário, a cultura geral aos cursos técnicos profissionais, antes existentes apenas ao nível primário, mas também porque valorizou os seus diplomas, além de introduzir a participação dos estudantes, organizados em conselhos, na gestão escolar.



Anísio se contrapunha à concepção que advogava formação instrumental para o trabalho para as classes populares, e educação para a fruição da cultura para a elite. Ele concebia a educação como uma prática atravessada pela ciência e pela arte e que não pode prescindir da filosofia, afirmando que ciência e filosofia não se opõem, são dois polos do conhecimento humano: é preciso haver interação entre ambas (TEIXEIRA, In: BRANDÃO; MENDONÇA, 2008). A reforma que empreendeu no Rio de Janeiro ampliou a área de influência da escola na cidade, afastando a educação da influência da Igreja e do governo federal. “Atravessou o espelho da cultura europeia e norte-americana, articulando o saber popular ao acadêmico” (NUNES, 2001, p.9).

Em 1935, Anísio criara a UDF, a Universidade do Distrito Federal, voltada à solução dos problemas brasileiros, dando centralidade à educação, com a criação de uma universidade pública, laica e gratuita, que articulava ensino e pesquisa, com a participação de professores qualificados, brasileiros e franceses. O projeto feria os interesses da Igreja Católica e essa universidade durou pouco: foi fechada por Gustavo Capanema e incorporada à Universidade do Rio de Janeiro, à Faculdade Nacional de Filosofia, hoje UFRJ. Anísio foi bastante perseguido na Era Vargas, sobretudo no período da ditadura do Estado Novo, quando passou a se dedicar a atividades particulares, devido às perseguições políticas.

Em meados da década de 1940 foi nomeado Conselheiro do Ensino Superior pela UNESCO, onde ficou por pouco tempo. Anísio criticava o consumismo, defendendo a integração do ser humano ao trabalho e à cultura e concebia o Estado como promotor da escolarização e difusor da cultura às classes populares. Preocupava-se com a pobreza brasileira, consciente de que ela não se resumia à pobreza material, compreendia também a pobreza política, o alijamento do acesso aos direitos humanos.

Findo o Estado Novo, Anísio ocupou a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em 1947. Foi quando realizou um de seus mais belos trabalhos com educação popular: a criação do Primeiro Centro Educacional Primário, o Centro Carneiro Ribeiro, em Salvador, no bairro da Liberdade, um bairro operário, com um plano de reconstrução do sistema escolar.

O projeto do 1º Centro de Educação Primária compreendia quatro escolas-classe para mil alunos, cada uma, e uma escola-parque para quatro mil alunos, funcionando umas e outra em dois turnos conjugados, de modo a contar o aluno com o dia completo de educação. (TEIXEIRA, documento de abril de 1967,



Discurso Pronunciado durante a 6ª Sessão Plenária na Escola Parque, p. 4. Acervo do CRPE no CME-FEUSP).

De início a verba do governo do Estado da Bahia não foi suficiente para a quarta escola-classe e a para a escola parque. A possibilidade de efetivação do projeto veio com a nomeação de Anísio para a direção do INEP, de onde tirou recursos, cargo que exerceu de 1952 até 1964, quando ocorreu o golpe que instaurou a ditadura civil-militar no Brasil.

A organização da escola, pela forma prevista, daria ao aluno a oportunidade de participar, como membro da comunidade escolar, de um conjunto rico e diversificado de experiências, em que se sentiria, o estudante na escola-classe, o trabalhador, nas oficinas de atividades industriais, o cidadão, nas atividades sociais, o esportista, no ginásio, o artista no teatro e nas demais atividades de arte, pois todas essas atividades podiam e deviam ser desenvolvidas partindo da experiência atual das crianças, para os planejamentos elaborados com a sua plena participação e depois executados por elas próprias (idem, ibidem, p. 8).

A experiência da Escola Parque foi se consolidando ao longo do tempo, com a persistência de Anísio e sua busca por recursos que lhe permitissem realizar o seu projeto na íntegra. Mas após delinear aspectos significativos da trajetória deste nosso grande educador, que atesta seu compromisso com a educação das classes populares ao longo de toda a sua vida pública, passemos a uma das mais importantes iniciativas de Anísio:

O CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS, OS CENTROS REGIONAIS DE PESQUISAS EDUCACIONAIS E O CRPE-SP

Na década de 1950, mais precisamente, entre 1955 e 1964, quando Anísio ocupava a direção do INEP, criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, no Rio de Janeiro, então capital da República, e os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, em São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Vivíamos um período democrático que permitiu avanços na construção de propostas voltadas à democratização do acesso à educação em nosso país, bem como ao desenvolvimento das pesquisas acadêmicas e à rica produção artística, cultural e intelectual da época. Mas se tratava de contexto sócio histórico marcado por fecundos debates e movimentos sociais e políticos, entremeados de contradições, quando as forças de esquerda lutavam por reformas de base, pela cultura e educação popular e pelo nacionalismo desenvolvimentista, ao mesmo tempo em que o empresariado nacional, em articulação com empresários multinacionais e gerais pertencentes aos quadros da Escola Superior de Guerra, ESG, abraçavam a doutrina da interdependência (SAVIANI, 2008).



O CBPE, criado em 1955, na acepção de Anísio, deveria se tornar um indutor de políticas públicas e não mais um espaço de clientelismo. Tinha o intuito de coordenar estudos sociológicos, antropológicos, estatísticos e históricos sobre a realidade brasileira. Os Centros Regionais interagiam entre si, com as universidades e com os movimentos sociais; eram fruto de convênios entre o INEP e universidades ou com Secretarias Estaduais de Educação. Os objetivos dos Centros consistiam em fazer:

a) Pesquisa das condições culturais e escolares das tendências de desenvolvimento de cada região para o efeito de se conseguir a elaboração gradual de uma política educacional para o país.

b) elaboração de planos, recomendações e sugestões para a revisão e a reconstrução educacional do país em cada região nos níveis primário, médio e superior e no setor de educação de adultos.

c) elaboração de livros de fontes e de textos, preparo de material de ensino, estudos especiais sobre administração escolar, currículos, psicologia educacional, filosofia da educação, medidas escolares, formação de mestres e sobre quaisquer outros temas que concorram para o aperfeiçoamento do magistério nacional.

d) treinamento e aperfeiçoamento de administradores escolares, orientadores educacionais, especialistas de educação e professores de escolas normais e primárias (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – documentos iniciais- s/data).

Por meio de um projeto de ampla envergadura, valendo-se da investigação e da pesquisa, Anísio buscava criar uma escola atenta “aos processos de aprendizagem, atenta aos alunos e suas aptidões”, visando combater “a seletividade perversa” presente na organização de ensino em nosso país. Concebia a educação como um processo de cultivo ou de cultura em permanente reconstrução (TEIXEIRA, 1957, p.5, apud GONÇALVES, ZITKOSKI, 2019, p.355). Defendia uma escola única rechaçando a formação dual, principal marca das Leis Orgânicas varguistas.

Cabe destacar a primordial importância de que se reveste o **Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo**, que reuniu educadores e cientistas sociais, comprometidos com o projeto nacional-desenvolvimentista, voltados à emancipação das classes populares, legando-nos fecundas contribuições que resultaram da investigação das questões regionais, dos estudos de comunidade, das diferenças entre os meios rural e urbano, da diversidade no processo de formação de nosso povo e seus modos de vida. Intrinsecamente ligado à história da Faculdade de Educação da USP, a documentação do CRPE-SP encontra-se no acervo do Centro de Memória da Educação da FEUSP, de



extrema relevância na preservação desta memória, bem como do legado de múltiplas experiências de destaque na história da educação brasileira, contribuindo para a realização de muitos trabalhos acadêmicos, bem como disponibilizando documentos para inspirar pesquisas no porvir.

Fruto de um convênio firmado entre o INEP e a USP, envolvendo os departamentos de Pedagogia, Sociologia e Antropologia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1956, foi criado o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, “parte de um ambicioso projeto de Anísio Teixeira, com a intenção explícita de colocar as Ciências Sociais a serviço da reconstrução educacional do país” (BEISIEGEL, 2013, p.595). Sob a direção de Fernando de Azevedo, os professores dos cursos mencionados participaram ativamente da elaboração do projeto do CRPE-SP que contava com robusta estrutura, com várias divisões, além de publicações, revistas e boletins, como mencionamos mais acima

Em 1962, quando o prof. Laerte Ramos de Carvalho, que então chefiava o Departamento de Pedagogia, à época pertencente à Faculdade de Filosofia, transferiu as suas instalações para a Cidade Universitária, os vínculos entre o CRPE-SP e os pesquisadores e professores do citado departamento se estreitaram, tornando-os intrinsecamente ligados. O trabalho conjunto de pesquisadores do CRPE e intelectuais dedicados aos estudos sobre educação pertencentes à FFCL da USP, ocorreu durante todo o tempo de funcionamento do Centro “tornando aquele prédio como espaço de referência para um processo de transformação de práticas de pesquisa e de relação da Universidade com grupos diversificados de integrantes do campo educacional paulista e brasileiro” (FERREIRA, 2021, p. 6).

Muitos professores da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da qual a Pedagogia fazia parte, se destacaram nos trabalhos do CRPE-SP, dentre eles, Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Celso Beisiegel, Luiz Pereira, José Mário Pires Azanha, dentre outros. Em 1963, o CRPE-SP ainda criou o Programa de Assistência Educacional aos Estados do Norte e Nordeste, PATE, mobilizando professores e pesquisadores para atuação com base em pesquisas multidisciplinares e planejamento (FERREIRA, 2021). A professora Lisete Arelaro, que posteriormente trabalharia com Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992), participou de atividades do PATE em Alagoas. Anos mais tarde, em homenagem à Anísio, Florestan Fernandes (1991, p.36-37, apud FERREIRA, p.3) comentaria



(...) o Centro produziu um trabalho criativo em São Paulo, suplementando a Faculdade de Filosofia e a Universidade de São Paulo numa área de pesquisa que jamais elas poderiam desenvolver por sua própria conta, ampliando os cursos de extensão e de atualização de professores de ensino de nível médio no Brasil inteiro, levando para esses cursos os melhores professores com os quais ele poderia contar, desenvolvendo programas de pesquisa de grande alcance. Se ele não fez mais, foi porque os meios foram escasseando. A Educação, quando não é esmagada pela ignorância, é esmagada pela escassez de recursos. Essa é a realidade.

Cabe lembrar, como destaca Marcos Cézar de Freitas, que este período contava com um debate historiográfico rico.

A esse debate deve ser acrescentado o impacto da nova ciência econômica advinda da CEPAL a partir de 1948. Construía-se também o aparato necessário para que vicejasse a pesquisa educacional solidamente. O CBPE e os CRPEs são aspectos desse movimento. (FREITAS, 2002, p.63)

Anísio angariou a colaboração dos intelectuais mais brilhantes de sua época: Darcy Ribeiro participou do CBPE e, posteriormente foi convidado para discutir com Anísio o anteprojeto da UNB que este havia elaborado a convite de Juscelino Kubitschek e Clóvis Salgado, (1961) quando também organizava o Plano Educacional de Brasília. Ambos, Darcy e Anísio, trabalharam juntos na Universidade de Brasília, em projeto arrojado, ceifado pela ditadura civil-militar.

Profundamente comprometido com a educação pública e a democracia, Anísio enfrentou, inúmeras vezes, a perseguição de conservadores, de regimes autoritários e da Igreja Católica conservadora. Em 1957, ao lançar **Educação não é privilégio**, os bispos gaúchos pediram a sua exoneração do INEP. Em abril de 1964 a UNB foi invadida e Anísio destituído do cargo de reitor, junto com Darcy e com todo o Conselho Diretor. O CBPE e os Centros Regionais foram descaracterizados após o golpe militar de 1964 e extintos em 1970. Perdia o país uma das mais belas iniciativas voltadas à garantia de acesso ao direito à educação, à cultura, à melhoria das condições de vida e participação política para todos os brasileiros, sem distinção de classe, gênero ou etnia, tal como preconizava Raymond Williams, intelectual galês. Este, imbuído dos mesmos compromissos com as classes populares, tal como Anísio, defendia o investimento público na educação e não separava cultura erudita e popular, ou arte e política, concebendo-as como traduzindo interesses humanos gerais e não para privilegiados (TAMBERLINI, 2024). Williams (2015) concebia tanto a educação, quanto a cultura como algo comum, que deveria ser ofertada a todos, defendendo também investimento público para a arte, bibliotecas, museus, orquestras, galerias e educação de adultos, à qual se dedicou por quinze anos, de 1946 a 1961, estabelecendo parceria entre a universidade



de Oxford e a Workers' Educational Association, Associação Educacional dos Trabalhadores, inovando na forma e formato do trabalho com adultos, valendo-se da literatura, teatro e cinema (PAIXÃO e TREVISAN, 2020). Williams defendia uma universidade com novo projeto educacional, emancipador, em que professores universitários atuassem extramuros, integrando a universidade com movimento de trabalhadores e o campo educacional, visando edificar uma sociedade mais democrática, educada e participativa, convergindo para as concepções de Anísio, permitindo-nos estabelecer aproximações entre ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O legado que Anísio nos deixa, junto com os pesquisadores dos Centros e, em especial, do CRPE-SP, em muito contribuiu para alargar o campo da historiografia da educação, compreendendo que a arte de educar não pode se ater a nenhuma ciência isolada, deve buscar as suas fontes em todo o saber humano, afirmando que o aluno não opera abstratamente, sendo preciso considerar o seu meio e suas condições sociais e culturais. Congregando pesquisadores de áreas diversas, institucionalizou a sociologia educacional e as pesquisas multidisciplinares em educação, a partir de profunda compreensão de nosso processo civilizatório, tendo percebido que, exceto as escolas profissionais, “nenhuma outra escola brasileira escapou ao espírito de educação da elite, profundamente arraigado em nossa sociedade e agravado ainda pelo preconceito contra o trabalho manual que nos deixou a escravidão” (TEIXEIRA, 2023, p.59). Tal como Williams, Anísio não cindia a cultura popular do saber erudito, articulando-os, colocando a universidade e a educação a serviço da promoção humana, contra privilégios, defendendo a educação pública, laica e gratuita às classes trabalhadoras, visando a sua integração plena na sociedade e na definição dos rumos do país.

Aponta-nos que a democracia é condição para o combate à desigualdade, para a construção de um país não refém do mercado, que dialogue com a sua diversidade social, racial, étnica, de gênero, indígena e quilombola.

REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, Celso de Rui. Os primeiros tempos da pesquisa em sociologia da educação na USP. **Educ. Pesqui.**, São Paulo. V.39. n.3, p. 589-607, jul./set. 2013.



FERREIRA, Márcia dos Santos. Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo: diversificação de ações na educação entre as décadas de 1950 e 1970. **Rev. Iberoam. Patrim.Histórico-Educativo**, Campinas (SP), v. 7, p. 1-19, e021010, 2021.

FREITAS, Marcos Cezar de. A pesquisa educacional como questão intelectual na história da educação brasileira (breves anotações para uma hipótese de trabalho). In: FREITAS, Marcos C. de. (org.) **Memória intelectual da educação brasileira**. 2. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

GONÇALVES; Luiz Gonzaga; ZITKOSKI, Jaime José. O lugar da pesquisa nos Centros Regionais de Pesquisa Educacional nos anos de 1950 e 1960: revisitando experiências de educação popular a partir do paradigma indiciário. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 348-365, maio/ago. 2019.

NUNES, Clarice. Historiografia comparada da Escola Nova: algumas questões. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 1, São Paulo, jan./jun. 1998.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira: a poesia da ação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 16, jan./fev./mar./abr. 2001.

PAIXÃO, Alexandre Henrique; TREVISAN, Anderson Ricardo. Raymond Williams, cultura e extensão universitária. **Resgate Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 28, p. 1-23, e020008, 2020.

ROMANELLI, Otaíza. **História da Educação no Brasil: 1930-1973**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do regime militar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008.

TAMBERLINI, Angela Rabello Maciel De Barros. Florestan Fernandes, Anísio Teixeira, o CBPE e o CRPE-SP: a educação na perspectiva de um projeto de país voltado à nossa diversidade. Anais do X CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://186.227.201.58/artigo/visualizar/109557>>. Acesso em: 05/10/2025.

TEIXEIRA, Anísio. Discurso pronunciado durante a 6ª Sessão Plenária na Escola Parque, 1967. Acervo do CRPE no CME-FEUSP.

TEIXEIRA, Anísio. Ciência e Arte de Educar. In: BRANDÃO, Zaia; MENDONÇA, Ana Waleska. **Por que não lemos Anísio Teixeira?** 2 ed. Rio de Janeiro, Ed. Forma & Ação, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2023.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

